

A Ocupação da Imagem

Gil Sibin — 2026



Festimagem — Instituto Gloc, Águas da Prata (SP)

Há uma diferença conceitual importante entre intervir num espaço urbano e ocupá-lo. A intervenção propõe transformações diretas e estruturais — redesenha, constrói, redimensiona o uso permanente de um lugar. A ocupação é outra coisa: não altera a estrutura da cidade, mas a habita temporariamente, através de uma renovação sistemática e cíclica da produção artística que ali se instala. Onde a intervenção deixa marca física, a ocupação deixa memória — e depois se retira, para voltar no ano seguinte.

É nessa segunda chave que se inscrevem, com força crescente no Brasil, os festivais de fotografia que tomam cidades inteiras como espaço expositivo. Não é um fenômeno novo — a Land Art americana já propunha, desde o final dos anos 1960, tirar a arte do cubo branco e devolvê-la à paisagem, como fez Robert Smithson em 1970 na *Spiral Jetty*, sua espiral de basalto e lama projetada para dentro do Great Salt Lake, em Utah. Mas o gesto brasileiro que aqui interessa é mais modesto em escala e mais radical em enraizamento comunitário: em vez de uma obra monumental isolada numa paisagem desértica, uma cidade inteira — suas ruas, praças, fachadas e instituições — se torna, por alguns dias todos os anos, um circuito vivo de imagens.



Festimagem — Instituto Gloc, Águas da Prata (SP)

O exemplo mais consolidado é o Paraty em Foco, Festival Internacional de Fotografia realizado desde 2005 no centro histórico de Paraty, Patrimônio Mundial da UNESCO. Sua marca registrada é o Circuito de Projeções Noturnas: imagens projetadas diretamente nas fachadas e ruas de pedra do casario colonial — Rua do Comércio, Rua da Cadeia, Praça da Igreja Matriz —, gratuitas e abertas a qualquer transeunte. Numa de suas edições, os curadores declararam abertamente o desafio de "ampliar a ocupação de espaços públicos com exposições e projeções gratuitas espalhadas pela cidade" — quase uma definição operacional do próprio conceito. O festival já reuniu nomes como Bob Wolfenson, Mauricio Lima e Walter Firmo, fotógrafo carioca homenageado numa das edições recentes, com setenta anos de carreira ininterrupta e um acervo de mais de 140 mil imagens hoje preservado no Instituto Moreira Salles. Em 2023, o *New York Times* citou o festival como um dos motivos para incluir Paraty entre os 45 lugares imperdíveis do mundo — reconhecimento que devolve à cidade, através da fotografia, uma visibilidade internacional que sua própria arquitetura colonial já garantia, mas agora renovada pelo olhar contemporâneo.

Padrão semelhante se repete em Tiradentes, Minas Gerais, onde o Festival de Fotografia de Tiradentes ocupa anualmente a cidade histórica desde 2011, idealizado pelo fotógrafo mineiro Eugênio Sávio como desdobramento do projeto Foto em Pauta, que já promovia encontros gratuitos com fotógrafos em Belo Horizonte desde 2004. Também aqui a cidade tombada — suas igrejas barrocas, ruelas de pedra, casarões — funciona como suporte expositivo: exposições distribuídas por diferentes espaços culturais, projeções noturnas, leituras de portfólio, lançamentos de fotolivros, tudo gratuito e voltado tanto para profissionais consagrados quanto para a comunidade local. O festival mantém parceria com o IPHAN — o próprio órgão responsável pela preservação do patrimônio histórico nacional cede suas galerias para abrigar a produção fotográfica contemporânea, num encontro simbólico entre a memória que se preserva e a imagem que se produz agora. Um de seus projetos mais expressivos, o KOMBIInacomFOTO, leva oficinas itinerantes de fotografia a escolas e espaços públicos dentro de uma Kombi — o mesmo veículo que, décadas depois de deixar de circular como transporte popular, se tornaria também matéria-prima de investigações artísticas sobre memória e cotidiano brasileiro.



Festimagem — Instituto Gloc, Águas da Prata (SP)

O que Paraty em Foco e o Festival de Fotografia de Tiradentes compartilham, além da coincidência de ocuparem cidades históricas tombadas, é uma mesma economia simbólica: cidades pequenas, de ritmo diverso das metrópoles, que por alguns dias por ano concentram fotógrafos consagrados, iniciantes, curadores e público num convívio de proximidade improvável em qualquer grande centro. A ocupação, nesses casos, não compete com o patrimônio histórico — dialoga com ele, sobrepõe-se a ele temporariamente, e o devolve renovado quando se retira.

É dentro dessa mesma linhagem — modesta em escala, mas legítima em método — que se insere o Festimagem, Festival Internacional da Imagem, já em quatro edições realizadas em Águas da Prata pelo Instituto Gloc. O programa de exposições que hoje se desenha para a chácara do Instituto, com suas galerias distribuídas entre bosque, pátio, mirante e jardins — o Jardim dos Cactos, o Jardim do Ateliê, o Jardim das Esculturas —, participa da mesma lógica que move Paraty e Tiradentes: transformar um lugar específico, por temporadas recorrentes, num circuito onde a imagem ocupa o espaço sem subordiná-lo, e onde cada visitante que percorre o trajeto entre uma galeria e outra repete, em escala local, o mesmo gesto que multidões repetem todos os anos nas ruas de pedra de duas das cidades mais fotografadas do Brasil.